

Dívida Externa Zélia revela hoje o que o País tem para oferecer aos credores

CORREIO BRAZILIENSE

11 OUT 1990

A ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, divulgará hoje à tarde, em Brasília, a proposta de renegociação da dívida de 68 bilhões de dólares que o Brasil mantém junto aos bancos internacionais. Zélia concederá entrevista coletiva no mesmo momento em que a missão técnica brasileira estará detalhando a proposta, em Nova Iorque, aos representantes do comitê interino dos bancos credores.

A proposta "contém uma projeção da capacidade de pagamento do País" e será divulgada publicamente "em seus termos gerais" — informou ontem à tarde, em Nova Iorque, o líder da equipe brasileira de negociação, embaixador Jório Dauster, no final do primeiro encontro com os banqueiros.

SIGILO

Dauster afirmou, no entanto, que os números da proposta não serão liberados. "Nossa preocupação é buscar um ponto de equilíbrio entre a necessidade de ser transparente mas permitir, também, que o processo da negociação gere resultados" — disse. "Por isso, esperamos contar com a compreensão de vocês, jornalistas, na questão dos núme-

ros. Não vamos fazer uma negociação pela imprensa" — afirmou Dauster. A reunião de ontem foi realizada nas dependências da firma de advocacia Sherman (E) Stearling, ao lado do Citicorp Center, palco da última negociação, em 1988. Segundo Dauster, o primeiro contrato serviu, para tratar "da agenda".

O objetivo político imediato do Governo brasileiro na rodada de três dias de conversações aberta ontem é desentruvar a tramitação da carta de intenção que enviou no mês passado ao Fundo Monetário Internacional. O diretor-gerente do Fundo, Michel Camdessus, aceitou a carta sem condições explícitas. Irados, os bancos, que não recebem juros do Brasil desde meados do ano passado, reagiram mobilizando o apoio dos governos dos países industrializados para pressionar o Brasil a tratar do problema. As vésperas da reunião anual do FMI, a três semanas, os ministros das finanças das potências capitalistas advertiram publicamente o Governo Collor para que resolvesse a questão dos atrasados e Camdessus condicionou a aprovação do programa econômico brasileiro ao "estabelecimento de negociações firmes com os bancos e avanços satisfatórios rumo a uma conclusão".

Thomas Reichmann, o funcionário do FMI que negociou os termos do acordo com o Brasil, participou do encontro de ontem e estará presente nas reuniões de hoje e amanhã, juntamente com representantes dos bancos centrais dos Estados Unidos, França, Japão, e de outros países credores. Depois do encontro de ontem com os banqueiros, Reichmann esteve com a equipe brasileira de negociação no escritório da firma de advocacia Arnold (E) Porter, que assessora o Governo nos entendimentos.

William R. Rhodes, o executivo do Citicorp que supervisiona o comitê de bancos, procurou ser positivo ontem, depois do primeiro encontro com Dauster. "O presidente Collor disse, quando esteve em Nova Iorque, que quer chegar a um acordo com os bancos até o fim do ano e nós vemos isso com boa disposição" — disse Rhodes. "Vamos ver, agora, qual é a proposta do Governo". Outros banqueiros observaram, contudo, que os atrasos nos pagamentos não contribuem para a atmosfera das negociações. "Para nós não é novidade que o Brasil tem capacidade de pagamento" — disse um deles. "A questão é se o País quer pagar."